

# Mudanças nas Teorias da Literatura sobre Leitura: Das Teorias da Recepção e do Efeito Estético aos Sistemas Sociais Complexos

---

*Luiz Antônio Silva<sup>1</sup>*

## RESUMO

O presente artigo consiste numa análise das transformações ocorridas nas teorias da recepção, destacando seus aspectos teóricos e epistemológicos. Dessa maneira, tais mudanças podem se compreendidas num esforço de compreensão do ato da leitura de ficção numa dimensão mais sociocultural em detrimento de visões exclusivamente hermenêuticas e fenomenológicas.

## ABSTRACT

This article is an analysis of the transformations occurred in the theories of reception, highlighting their theoretical and epistemological aspects. Thus, such changes can be understood as a kind of understanding of act of reading fictions more in a social and cultural dimension, out of hermeneutical and phenomenological visions.

## 1. A Formação das Teorias da Recepção

No presente artigo pretende-se um panorama histórico do desenvolvimento de algumas correntes da teoria da literatura, surgidas no pós-guerra, na intenção de compreender como se configuraram a preocupação com o leitor, com a diversidade política das sociedades contemporâneas e a interação desses temas. Desta maneira, será destacado o processo de formação de teorias destinadas a compreender o papel do leitor. Em seguida, procurarei

---

1. Graduação em História na UERJ 1998 , mestre(2002) e doutor(2007) em Letras pela PUC-RIO, pós-doutor em teoria da literatura (2010) UERJ, Professor da FTESM e atualmente doutorando em história social pela UFRJ.

entender como e porque a dimensão social dos leitores não será considerada nas duas correntes teóricas mais divulgadas no meio acadêmico ocidental: a teoria do efeito estético e a estética da recepção. E, por fim, destacarei a questão das interações entre dimensão social, alteridade e produção / recepção de textos literários a partir da análise dos pressupostos e conceitos da teoria da leitura como contato cultural, desenvolvida, por Gabriele Schwab, e das concepções sistêmicas e construtivistas do *reader-response criticism* e da Ciência da Literatura Empírica.

A preocupação com a interpretação no plano da teoria literária contemporânea remete-se ao contexto intelectual das universidades após 1945, quando houve uma forte expansão da educação superior. Em tal movimento de expansão, surgiram novas questões relativas ao papel cultural das instituições universitárias, aos questionamentos políticos ligados à identidades e à relevância das “disciplinas” definidas institucionalmente.

No contexto alemão, a criação da estética da recepção e da teoria do efeito estético está diretamente vinculada ao *status* dos estudos de literatura no final dos anos cinquenta e início dos anos sessenta. Seguiremos com o relato de Wolfgang Iser sobre esse contexto de formação, dessas duas correntes teóricas, no intuito de apresentar uma espécie de “auto-biografia” da formação de um tipo de perspectiva teórica, para depois compreendermos as mudanças de seus pressupostos e objetivos.

Segundo Wolfgang Iser<sup>2</sup>, criador da teoria do efeito estético, o surgimento dessas duas perspectivas teóricas se deu como uma resposta ao conflito de interpretações e ao impacto político da rebelião dos estudantes na época. Conforme essa retrospectiva histórica, o conflito das interpretações corresponde ao aspecto teórico deste contexto. A herança cultural se tornou um problema, pois não se dispunham mais dos parâmetros unificadores. Assim, o questionamento sobre seu significado faz eclodir um conflito sobre a interpretação. A postura do professor universitário alemão, de ser o detentor do sentido da obra, é questionada a partir do aparecimento de perguntas do tipo: “por que o sentido de uma obra literária haveria de mudar se as palavras e as frases se mantêm as mesmas?”. Nesse momento, então, começou a existir a consciência de que os pressupostos que sustentam a

---

2. ISER, Wolf. Teoria da recepção: reação a uma circunstância história. In: Rocha, João Cezar de Castro (Org) *Teorias da ficção: indagações obra de Wolfgang Iser*.

interpretação determinavam o significado do texto interpretado e, assim, torna-se necessário explicar e explicitar os pressupostos que moldam as interpretações.

Desta maneira, o conflito de interpretações é fruto justamente do ato de explicitar os pressupostos das interpretações e, conforme o relato de Iser, essa tarefa assumiu um perfil competitivo, pois cada tipo de interpretação tentava afirmar-se, ao negar o outro. A progressiva consciência dos limites das propostas interpretativas fez com que cada modelo de leitura começasse a usar os pressupostos dos outros modelos.

No momento em que se desenvolveu a reflexão sobre os pressupostos da interpretação, a questão da herança cultural foi considerada fundamental. As abordagens críticas que estavam em voga nesse contexto buscavam a intenção do autor, o sentido que ele planejou dar ao texto e o valor estético, na forma de reconciliação das partes da obra. Essas características da abordagem dos estudos, existentes no contexto citado, são permanências da concepção de arte do século XIX, na qual o autor era romanticamente considerado criador, quando a arte e a literatura receberam o *status* de uma espécie de religião secular e a busca da harmonia representava a ideia clássica de que a reconciliação dos opostos na arte era a única maneira de expressar a verdade.

Na perspectiva de Iser, situação na qual a literatura moderna se mostrou inacessível aos estudos literários baseados nos critérios herdados do século XIX, provou a emergência de um problema hermenêutico, no qual os critérios de interpretação invalidados provocaram o surgimento de novas questões que as antigas respostas não conseguiam dar conta. Essas novas questões não teriam surgido se não existissem as antigas para serem substituídas. Nesse processo, ficou identificada a frustração de leitores diante de normas tradicionais de interpretação e a busca pela intenção autoral foi substituída pelo exame do impacto do texto literário ou do processamento do texto por parte de um receptor, ou seja, o que ocorre com o texto no ato da leitura.

Paralelamente, os estudos literários foram influenciados pela rebelião dos estudantes alemães na década de 60, pois eles passaram a questionar a necessidade de se estudar literatura, por acreditar que essa forma de expressão artística era apenas uma representante da herança cultural que negavam. Neste sentido, a postura do professor de literatura, como uma espécie de proprietário das interpretações corretas das obras, fez com que

aumentasse esse distanciamento entre os estudantes e os estudos literários. Por consequência, a teoria do efeito estético e a estética da recepção correspondem a uma reação, no plano da teoria, a esse contexto.

Na teoria do efeito estético, Wolfgang Iser busca compreender o que acontece com o receptor no ato da leitura de um texto literário. O texto é considerado um evento, um acontecimento que ultrapassa todos os sistemas de referência pré-estabelecidos. Ao mesmo tempo, essa reflexão tenta responder à questão de como as estruturas do texto prefigurariam o processamento feito pelo leitor. Outro ponto estruturante da teoria do efeito estético consiste na crença de que existe uma transgressão no texto literário em relação ao contexto sócio-histórico no qual foi produzido, assim como ao contexto dos seus receptores.

Nessa teoria, o intervalo entre o texto e o leitor é fundamental, já que se admite que o texto é processado na leitura. Nesse processo, a leitura transforma o texto num correlato neomático na mente do leitor. Isso ocorre, porque os textos são permeados de lacunas e negações que são negociadas no ato da leitura e conseqüentemente permite que o texto seja transplantado para a consciência do leitor.

Tal compreensão do ato de leitura está ancorada numa perspectiva filosófica fenomenológica. Isso explica porque a teoria do efeito estético se concentra no processo da leitura no qual o texto passa a ser um correlato na consciência do leitor e, ao mesmo tempo, não é enfatizada qualquer preocupação de ordem histórica, social e até psicológica de tal processo. Conforme Maurice Merleau-Ponty<sup>3</sup>, a fenomenologia consiste de uma filosofia que é, ao mesmo tempo, um relato do espaço e do mundo “vivos”, uma tentativa de descrição direta de nossa experiência tal como ela é, sem nenhuma referência à sua gênese psicológica e às explicações causais que o cientista, o historiador ou o sociólogo dela possam fornecer.

Dentro desta visão fenomenológica, Iser afirma que o conjunto de lacunas e negações fornece ao texto característica própria de possuir sempre uma dimensão não explicitada, não formulada. Essa duplicação “vazia” do texto é chamada de negatividade. A negatividade, por não ser apresentada, só pode ser experimentada e não explicada. Além disso, a negatividade invalida a realidade manifesta. A negatividade, no verdadeiro sentido do termo, não

---

3. MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*

pode ser deduzida das realidades referenciais por ela questionadas, e não pode ser a elas, vinculada.

O leitor é conduzido a conceber o motivo do questionamento do mundo produzido pelo texto, e passa a transcender esse mundo para observá-lo de um ponto de vista exterior a tudo aquilo em que, de outro modo, ele estaria inextricavelmente enredado. Para Husserl, conforme nos afirma Merleau-Ponty, nós humanos somos, do início ao fim da vida, relações com o mundo e a única forma de nos apercebermos disto, é suspendendo esse movimento relacional e recusando a nossa cumplicidade. Assim, a reflexão não se desloca do mundo em direção à consciência, na qualidade de fundamento do mundo, mas toma distância para ver surgirem as transcendências e para estender e apresentar melhor os fios intencionais que nos ligam ao mundo. Nessas condições, a reflexão somente é consciência do mundo, pois o revela como paradoxal e estranho. É justamente esse movimento de transcender o mundo e as nossas intencionalidades que a interação texto e leitor proporciona. Na visão de Iser, a literatura nos capacita a observar de fora os fios que nos entrelaçam com o mundo.

Em outras palavras, a política, a economia, as identidades e as demais atividades humanas formam uma espécie de amarra responsável por nos prender a determinadas configurações que são transgredidas tanto na criação de textos literários, quanto na sua leitura. Por essa razão, o objetivo de compreender a dimensão política de práticas leitoras é completamente inviabilizado no plano da teoria do efeito estético.

Porém, quando há o objetivo de compreender as dimensões políticas e sociais de práticas de escrita e leitura, ocorre o reconhecimento de que as teorias da leitura de base exclusivamente hermenêutica ou fenomenológica, tais como a estética da recepção e a teoria do efeito estético, não dão conta da complexidade de aspectos envolvidos em tal experiência. Isso porque, na teoria do efeito estético, Wolfgang Iser não incluiu, na sua análise descritiva do ato da leitura, o contexto social e histórico de leitores reais, mas sim apenas as interações entre texto e leitor enquanto estratégias textuais. O mesmo se pode dizer em relação à estética da recepção de Jauss, pois,, nesta perspectiva a historicidade de obras artísticas e literárias está reduzida ao diálogo do leitor com a obra, minimizando a relação que este leitor tem com o seu contexto sociocultural.

## 2. Perspectivas Teóricas, Conceitos e Construção do Conhecimento entre a Teoria da Leitura como Contato Cultural e a Ciência Empírica da Literatura

A teoria da leitura como contato cultural, desenvolvida por Gabriele Schwab, professora da *University of California-Irvine*, consiste num tipo de reflexão sobre as dimensões psicológicas, culturais e políticas do ato da leitura -- aquelas que estão ligadas às operações de transferência e de contato cultural, representando uma alternativa aos estudos das Teorias da Recepção, numa perspectiva sociocultural e psicológica.

Dessa forma, o ato de ler é considerado uma operação de limites que possibilita negociações entre fronteiras marcadas por diferenças históricas, culturais e estéticas. Para fundamentar tal concepção, Gabriele Schwab procura definir como a alteridade e o contato cultural operam na produção e, especialmente, na recepção literária<sup>4</sup>. O contato cultural é considerado aqui, em termos gerais, não apenas enquanto contato entre duas ou mais comunidades com culturas diferentes, mas também nas situações em que o contato ocorre dentro de uma mesma comunidade.

A partir dessa perspectiva, é possível perceber, como uma forma de contato cultural, a relação que a literatura estabelece entre seus leitores e a cultura na qual um texto literário é produzido e interage. Isso pode ser ampliado não só para os nossos hábitos individuais de leitura, como também para os processos em que somos socializados a partir dos nossos hábitos de leitura. A teoria liga a função cultural da literatura ao seu poder de nos afetar e de mudar práticas culturais ou interferir nelas. Entretanto, tais mudanças e interferências são frequentemente provocadas por encontros com a alteridade que desafia suposições familiares, abrindo novas perspectivas, não só em relação ao texto, como também em relação à realidade extratextual.

Literature, in other words, affects us most when it displays a resonating otherness or unfamiliar, if not uncanny, resonance. Aesthetic categories such as “innovation” or “defamiliarization” grasp the structural and aesthetic aspect of this phenomenon. (SCHWAB, 1996:10)<sup>5</sup>

Como outras formas de contato cultural, a leitura afeta as referências culturais tanto de leitores individuais, como de comunidades interpretativas, porque, ao atuarem como agentes de contatos culturais, as obras

4. SCHWAB, Gabriele. *The mirror and the Killer-Queen*. Otherness in literary language.

5. *Ibid.*, p.10

literárias interferem nos limites de suas próprias culturas. Por outro lado, os textos também configuram várias formas de socialização numa mesma cultura. Sendo assim, essas alterações de limites são determinadas pela história da leitura, de comunidades culturais e também de leitores individuais.

Segundo essa linha de pensamento, é possível entender os padrões culturais de relacionamento com a alteridade como um assunto pedagógico, em que percebemos a existência de uma espécie de educação cultural que pode ser desenvolvida através da mudança de tipos históricos de atos da leitura. Em tal educação, as posturas “etnocêntricas” ou “egocêntricas” são transformadas a partir da transgressão de seus limites que a recepção da alteridade do texto literário proporciona. Isso se amplia para a própria questão da construção do conhecimento, em que o estudo da literatura torna-se um espaço, no qual posturas etnocêntricas, sexistas e racistas são desafiadas. Enfim, essa teoria nos leva também para uma reflexão epistemológica sobre os estudos literários.

De um modo geral, Schwab chama atenção para o fato de que, no contexto contemporâneo, altamente tecnologizado e globalizado, existe a nítida troca de uma cultura literária por uma cultura visual, configurada na redução do espaço público e da atenção destinados à literatura. Entretanto, a literatura tem desenvolvido formas experimentais que afetam o ato da leitura. Conseqüentemente, nessas experiências literárias, inauguram-se contatos culturais diferentes daqueles que são promovidos na cultura estruturada pela mídia de massa e pelas novas tecnologias da informação. Tais experiências são criadas a partir do uso das diferentes formas de alteridade literária, histórica e cultural que encontramos, por exemplo, desde o alto modernismo até o pós-modernismo.

Outro aspecto importante, a que a teoria da leitura como contato cultural dá destaque, diz respeito às relações de poder que resultam em imposições de sentidos aos textos, nos contatos culturais estabelecidos entre leitores e textos de diferentes culturas ou entre leitores e textos de uma mesma comunidade cultural. Gabriele Schwab ilustra muito bem a questão das relações de poder na imposição de significados, ou na repressão a interpretações, quando seu trabalho analisa a experiência de Laura Bohannan, uma antropóloga norte americana, que, após uma discussão com um acadêmico inglês sobre a universalidade da obra de Shakespeare, decidiu fazer uma experiência de ler *Hamlet* para uma tribo do norte da África, chamada Tiv.

No início dos anos sessenta, Laura Bohannon estava em Oxford e, num certo dia, um amigo da mesma universidade disse para ela que os americanos frequentemente têm dificuldades com as peças de Shakespeare, porque, antes de qualquer coisa, Shakespeare é um poeta inglês e qualquer um pode interpretar erroneamente o universal pela falta de entendimento do particular. Ela respondeu em protesto, afirmando que aquilo estava errado, pois a natureza humana é quase a mesma em todo o mundo, assim, a essência das grandes tragédias seria sempre clara em qualquer lugar. A experiência de leitura de Hamlet com os Tiv foi, então, realizada para provar a universalidade da obra de Shakespeare.

Entretanto, o contato dos Tiv com a narração de *Hamlet*, feita pela antropóloga, criou uma inusitada situação, na qual códigos culturais e pressupostos sobre interpretação, poder e hierarquia entre culturas e pessoas entram em jogo a partir de práticas interpretativas. Para os Tiv, o ato de contar histórias é uma arte refinada e muito importante para sua vida social, pois todas as histórias contadas guardam um específico sentido verdadeiro. Dessa maneira, os anciãos são os que têm o poder de determinar o verdadeiro sentido das histórias, eventos, situações, ações e fenômenos da natureza.

Isso explica a reação que os anciãos dos Tiv tiveram ao ouvir a versão de Hamlet narrada pela antropóloga. Ela inicia a narração contando que, há muito tempo, uma coisa aconteceu: numa noite, três homens, que estavam vigiando o domicílio do grande chefe do povo deles, subitamente viram o chefe anterior se aproximar. Um dos anciãos perguntou porque esse homem, visto pelos vigilantes, não era mais o chefe e a antropóloga respondeu, dizendo que ele estava morto e que isso fez com que os vigilantes ficassem com medo. Um outro ancião argumentou, assustado, que seria impossível que aquela pessoa fosse o chefe morto, deveria ser um agouro de uma bruxa.

Laura Bohannon continuou sua apresentação do enredo da peça de Shakespeare, dizendo como o príncipe Hamlet, filho do chefe morto, ficou muito contrariado porque seu tio Claudius tornou-se o chefe e também se casou com a viúva de seu irmão mais velho apenas um mês depois do funeral. Para surpresa da antropóloga, um ancião afirmou que Claudius estava certo ao se casar com a mãe de Hamlet e que, se ele soubesse mais sobre os europeus, poderia realmente considerá-los semelhantes aos Tiv, pois, segundo a convenção social dos Tiv, o irmão mais novo deve-se casar com a viúva do seu irmão mais velho e se tornar o pai de suas crianças.

Mais surpreendente ainda foi a conclusão que os anciãos elaboraram sobre toda a história, classificando Hamlet como um vilão, pois xingou a sua mãe, matou Polonius e se rebelou contra o seu tio Claudius, que, conforme o esperado, casou-se com sua mãe e substituiu seu pai no reinado. E, assim, um dos anciãos se ofereceu, em nome de todos os demais, para ensinar à antropóloga o verdadeiro sentido das estórias que ela contava.

Por seu lado, Gabriele Schwab observa que Laura Bohannan, ao apresentar as reações e interpretações dos anciãos, estabeleceu um pacto com os leitores ocidentais para estigmatizar a leitura dessas autoridades tribais como infantis, fora de lugar e delirantes. Em suma, através desse exemplo, Gabriele Schwab demonstra como a questão da repressão sobre interpretações está ligada aos valores e regras sociais e às relações de poder estabelecidas entre culturas e grupos sociais de uma mesma cultura. Ao mesmo tempo, a forma de narrar e de encarar a alteridade, manifestada no ato da leitura de outras pessoas ou de outra cultura, também é configurada a partir das relações de poder que compartilham diferentes grupos sociais. No caso das estratégias retóricas, usadas pela antropóloga, estas representam o olhar colonizador dos ocidentais em relação a uma tribo africana, pois a forma usada pela antropóloga de contar a história de Hamlet foi muito semelhante as versões infantilizadas, criadas para se contarem os clássicos para as crianças.

Sendo assim, Gabriele Schwab inicia a apresentação das correntes teóricas e filosóficas que estruturam a sua ideia da leitura como contato cultural com uma crítica da corrente hermenêutica através do modelo dialógico de Gadamer e sua apropriação pela estética da recepção de Hans Robert Jauss.

Para a autora, o conceito de interpretação baseado num modelo dialógico oriundo da hermenêutica de Hans-Georg Gadamer, se tornou um dos mais proeminentes entre estudiosos da literatura, especialmente na sua apropriação crítica pela chamada Escola de Constança, denominada Estética da Recepção de Hans Robert Jauss.

Para Gadamer, o termo “interpretação” significa o papel de tradutor e mediador entre as linguagens de diferentes culturas. Interpretação neste sentido, é uma modalidade antropológica do ser que completa uma mediação que nunca foi completa entre seres humanos e o mundo. Sendo assim, os textos servem como objetos intermediários em tal mediação. Schwab continua a descrição dizendo que, sendo na interativa e dialógica,

a teoria da interpretação de Gadamer não considera o significado de textos literários como fixo, mas sim criado pelos leitores, cuja atividade media o “horizonte” de um texto - sua alteridade histórica ou linguística com os seus próprios horizontes.

É deste ponto da teoria de Gadamer, que Hans Robert Jauss desenvolve a sua teoria da recepção literária, por meio da qual argumenta que os leitores realizam uma fusão de horizontes para receber historicamente textos literários remotos. De acordo com essa perspectiva, um evento estético apenas ocorre quando um texto resiste a tal fusão e nega confirmar as expectativas e pré-concepções dos leitores. Desta forma, tanto para Gadamer quanto para Jauss, a recepção de uma obra literária é uma experiência de alteridade. Porém essa alteridade não é dada e nem pode ser encontrada num texto, mas surge apenas como um efeito de expectativas frustradas a respeito de normas estéticas, gostos e preconceitos culturais procedentes das próprias tradições e da história dos leitores. Alteridade não é, nessa visão, propriedade dos textos, mas é criada na produção do significado. Como as obras passam de um contexto cultural e histórico para outro, seu significado e sua relação com a alteridade mudam correspondentemente, porque serão recriadas dentro de um novo horizonte de expectativa.

Entretanto, Schwab nos chama a atenção, para o fato de que existe uma ênfase da hermenêutica gadaminiana na apropriação da alteridade cultural apenas dentro da sua própria tradição cultural, ou seja, considera-se apenas a alteridade histórica da tradição cultural ocidental. Essa visão ignora o caráter violento que apropriações interculturais estabelecem. Sendo assim, preconceitos raciais, culturais, sexuais que, segundo Schwab, podem determinar a interpretação de obras literárias, não entram no horizonte de Gadamer.

Por outro lado, Gabriele Schwab ampliará alguns conceitos da teoria do efeito estético de Iser, desviando-se em direção ao estudo das dimensões psicológicas, culturais e políticas do ato da leitura -- aquelas que estão ligadas às operações de transferência e de contato cultural. Isso porque, segundo o seu ponto de vista, enquanto a Gadamer e Jauss estruturaram as suas teorias da recepção literária num modelo interpessoal, o conceito de Wolfgang Iser de leitor implícito, contrariamente enfatiza a dimensão comunicativa inerente aos próprios textos. O leitor implícito de Iser não se refere a um leitor individual e empírico, mas sim as estratégias de comunicação do texto, que exerce um certo controle, por convidar ou privilegiar,

respostas específicas. O leitor implícito é uma ação textual que ativamente, confirma, interfere e rompe com um padrão de comunicação de uma cultura que está presumidamente internalizado por seu leitor. Desta forma, Iser irá se preocupar com o aspecto interativo da leitura em detrimento da tentativa de compreender a ação de leitores individuais, cujas respostas nunca poderão ser verificadas face a face.

No entanto, Schwab nos lembra que a metáfora da interação refere-se a ações textuais que guiam a recepção de leitores que ativamente “processam” o texto. Ou seja, a autora nos mostra que para Iser a interação texto e leitor se refere a um leitor individual, em que começa a transferência de sentido que somente será bem sucedida se o texto conseguir ativar certas disposições da consciência do leitor – a capacidade de apreensão e de processamento.

A concepção da leitura como contato cultural consiste, em parte, numa alteração de alguns conceitos de Iser, principalmente por considerar os modos histórico e psicológico de processar os textos concretos, incluindo os modos do inconsciente. Processar o texto, para Schwab, é muito mais que uma transferência neutra, é uma transferência pesadamente investida entre leitor e texto, que pode ser entendida, como um processo no qual a formação psicológica e cultural da alteridade é trazida para o jogo. A noção de transferência permite também que se perceba o texto literário como uma ação que convida a uma certa interação ou, mais precisamente, uma certa projeção controlada. Assim, os textos são vistos como ações ativas que produzem certos efeitos subjetivos em seus receptores, possibilitando, então, uma forma de contato cultural que transforma ambos em agentes envolvidos.

Em suma, percebemos que a teoria de Schwab corresponde a uma inversão daquilo que consiste o pensamento de Wolfgang Iser sobre efeito e também produção de textos literários. Ou seja, enquanto Iser está preocupado em apresentar o caráter neutro da experiência literária como um espaço performativo no qual podemos nos desligar das limitações culturais e históricas em que estamos inseridos, Gabriele Schwab procura demonstrar como, nossas bagagens culturais e históricas, são trabalhadas e são negociadas com outras formas culturais através da leitura e da escrita de textos literários.

Esse deslocamento teórico do ponto principal da obra de Iser é muito bem apresentado na conferência que Gabriele Schwab proferiu no VII Colóquio da UERJ intitulada, ‘Se ao menos eu não tivesse de manifes-

tar-me': a estética da negatividade de Wolfgang Iser"<sup>6</sup> em que são analisadas as questões fundamentais das diferentes fases da obra de Iser, partindo da teoria do efeito estético até a antropologia literária. Nessa comunicação, Schwab destaca a contribuição da obra de Iser aos estudos literários atuais e, principalmente, mostra como a teoria da leitura como contato cultural, que ela propõe, foi influenciada por essa visão teórica.

A pergunta referente à necessidade humana de ficções, segundo Schwab, motivou a criação da teoria de efeito estético, como também a antropologia literária, propostas por Iser. Além disso, a autora nos adverte de que as tentativas de responder essa pergunta significaram a legitimação dos estudos de literatura. Tal legitimação foi muito importante, tanto no contexto dos anos sessenta e setenta, quando o *reader-response criticism* surgiu, quanto é para os dias atuais. Isso porque, hoje, percebemos, de um lado, a perda de espaço do discurso ficcional para a cultura midiática e, de outro, o surgimento de uma nova tendência antropológica dos estudos de literatura, uma tendência que se instalou com o advento do novo paradigma cultural e sua ampliação nas disciplinas das ciências humanas.

A outra questão fundamental da obra de Wolfgang Iser é representada pela condição que, segundo Schwab, Samuel Beckett formulou na seguinte frase: "Se ao menos eu não tivesse de manifestar-me". Isso consiste no desejo, percebido nas entrelinhas iserianas, de escapar de qualquer determinação que estabeleça seus pressupostos epistemológicos e sua posição política. Além disso, a negatividade, representada por essa condição, é tema dos estudos de Iser e, simultaneamente, o principal elemento que estrutura toda sua obra.

Gabriele Schwab nos explica como a leitura, na concepção de Iser, é entendida em termos de transferência, processamento, mediação ou tradução, sendo a interação entre leitor e texto apoiada na negatividade e na indeterminação como formas de contato. Porém, a indeterminação e a negatividade também estão presentes na construção do texto literário e, assim, a determinação é excluída tanto da leitura quanto da criação literária na perspectiva de Iser. Em suma, é muito claro que esse modelo teórico mantém a literatura e até as suas premissas epistemológicas, numa espécie de abstração, na qual questões de ordem histórica, psicológica ou cultural não estão envolvidas.

6. SCHWAB, Gabriele. Se ao menos eu não tivesse de manifestar-me": a estética da negatividade de Wolfgang Iser. p. 35-45.

Voltando à pergunta sobre a necessidade humana de ficção, a autora afirma que Iser não responde a essa questão, dizendo que precisamos moldar a nós mesmos e também ao nosso mundo. Ao contrário, argumenta que, a nos “duplicarmos” através da ficção, estamos “desfazendo” a nós mesmos na tentativa de escapar da prisão em que nos confinam as determinações culturais, históricas e psicológicas.

Em termos teóricos, essa mudança pode ser representada pela inclusão do conceito de “encenação”. A noção de encenação, em Iser, complementa o ato da leitura e é o que permite atos performativos nos quais indivíduos e até culturas duplicam a si mesmos. É justamente nesse ato que os seres humanos conseguem encenar a diferença existente entre “ser quem são” e “ter a si mesmos”. Considerando que o “ter a si mesmo” significa autoconhecimento, então, Iser argumenta que existe uma alteridade intrínseca nos seres humanos que provoca o desejo de auto-representação e auto-exploração, e é esse tal desejo que origina a necessidade de ficção.

Gabriele Schwab conclui sua análise afirmando que, na visão iseriana, a literatura não é um simples complemento ou compensação, mas é o que nos propicia entrar em contato com algo que não conseguimos vivenciar ou conhecer de maneira consciente. Segundo a autora, essa é a perspectiva que mais influenciou a sua própria teoria, teoria na qual a leitura é entendida como uma forma de contato cultural.

No enfoque da leitura como contato cultural, Schwab constrói uma nova visão teórica e metodológica a partir do questionamento da inexistência de um papel cultural na noção iseriana de alteridade intrínseca, com que entramos em contato por intermédio da literatura. A base dessa teoria é claramente apresentada na pergunta que Gabriele Schwab fez diretamente para Iser: “De que forma a alteridade intrínseca aos seres humanos está relacionada ao Outro ou é constituída pelo Outro, seja um Outro ser humano, seja um Outro cultural, seja uma alteridade simbólica?”<sup>7</sup>

Sendo assim, a autora se prende especialmente à noção iseriana de transferência, entretanto trabalha uma noção de transferência que requer uma base psicológica, cultural e social. Aqui, a transferência do texto ao leitor é concebida como um processo que opera coletiva e individualmente; tal base deve ser desenhada numa psicologia cultural. Neste momento, Gabriele Schwab vai usar determinados conceitos de Mikhail Bakhtin. Para Bakhtin,

---

7. Ibid., p.44

nós não podemos ser nós mesmos sem o outro e, assim, só devemos nos encontrar, de fato, no outro. Além disso, somos informados por Schwab de que, nos estudos de Bakhtin, a teoria da linguagem é inseparável de uma psicologia na qual o psicológico, o corporal e a linguagem formam uma unidade inseparável. A premissa básica da antropologia filosófica de Bakhtin consiste no que ele chama de absoluta necessidade estética do outro.

Segundo a argumentação de Schwab, na psicologia cultural de Bakhtin, o olhar não é um meio de alienação, conforme a concepção de Lacan, de que na fase do espelho, o sujeito sucumbe narcisicamente à ilusão de unidade, mas é sim um meio de realização. Bakhtin insiste num “vazio” perceptual e emocional da experiência do espelho que se dirige à carência do outro. Isso faz com que a visão de Bakhtin seja contrária às de Lacan e de Sartre. Para o primeiro, existe uma reciprocidade fatal entre formação do sujeito e o olhar do outro e, para o segundo, existe uma pseudo-singularidade, que se tenta preservar nas espirais infinitamente regressivas que se formam na interação de dois olhares subjetivos e autoconscientes. Isso porque Bakhtin percebeu um mútuo olhar de sujeitos que encontram a si mesmos no exterior, no outro ou no limite do outro, destacando que a tentativa de se escapar do outro, significa perder a si mesmo.

Seguindo essa linha de pensamento, a autora faz uma aproximação dessa concepção de olhar o outro em Bakhtin, resumida na expressão “encontrar a si mesmo no lado de fora”, com o que Todorov chamou de exotropia. Aqui é reconhecido que, ao aceitarmos os padrões de acordo com os quais uma cultura constrói a alteridade, estamos ligados a sua formação sócio e psicogenética de sujeitos em relação ao outro. Não só a antropologia de Bakhtin, mas também a sua estética estão sobre a base de uma teoria psicológica do cultural. Exotropia é encarada aqui como o modo básico da produção e principalmente da recepção artística, pois a leitura é vista enquanto vinculada ao olhar do leitor que absorve o texto numa tensão de semelhança e diferença, na qual este encontra a si mesmo no limite de transformar o outro, em um “eu-outro” (self-other).

No contexto destas reflexões de Bakhtin, existe uma especial preocupação com a questão da história coletiva e individual da leitura. É justamente deste ponto que Schwab parte para tratar das nossas experiências iniciais de recepção ao ouvir e até mesmo ler histórias na infância, as quais serão preservadas pelo resto de nossas vidas como uma fonte vital de prazer. Então, segundo essa visão, nossos modelos iniciais de leitura não

serão abandonados, mas serão alterados e fundidos com novos modos de leitura que adquirimos posteriormente. Diferentes modos de leitura podem ser completados ou suplementados por outros, conforme necessidades psicológicas e históricas.

Quanto mais desenvolvemos nossos hábitos de leitura, mais diferenciados, complexos e ambivalentes eles se tornam. Tal processo é semelhante ao que acontece com as crianças quando começam a perceber o mundo de fora como algo diferenciado, o mesmo acontece com o mundo ficcional e seus personagens. Na relação com o mundo ficcional, o intercâmbio com a alteridade entra em jogo; aí surgem formas não destrutivas de se lidar com o Outro e também de se distinguir-se enquanto eu. Ou seja, na interação com o mundo ficcional, os modos arquetípicos de enfrentar a alteridade (rejeição e assimilação) são transgredidos, por exemplo, as crianças muitas vezes desenvolvem uma rejeição e, ao mesmo tempo, uma fascinação, por personagens considerados maus.

Todo esse conjunto de reflexões que envolvem a exotropia e os arquetípicos das relações com a alteridade (rejeição e assimilação) serão articulados com os estudos de Winnicott sobre o desenvolvimento da criança, linguagem, alteridade e arte, no que este autor chama de espaço transicional. Para Winnicott, nas relações iniciais com a linguagem, a criança usa os sons como um objeto transitório, por meio do qual ela percebe o seu próprio som como algo interno e externo, simultaneamente. Existe um “eu” e um “não eu” no ato de produzir sons e isso constitui um objeto transitório que antecede qualquer objeto cultural. Toda a nossa relação com literatura e com arte em geral se torna uma espécie de retorno ao objeto transitório, formando um espaço transicional, no qual desfrutamos o prazer de retornar à experiência de sermos nós mesmos e o outro, simultaneamente. Assim, ler consiste numa experiência de contato com a alteridade interna e externa, em que experimentamos um espaço transicional, no qual nossos próprios limites são postos em suspensão. Enfim, uma profunda experiência de contato cultural.

Por outro lado, podemos perceber que na teoria da leitura como contato cultural não existe um questionamento sobre como e porque um texto é considerado literário, ou seja, existe uma crença na existência de uma essência literária dos textos. Porém, a própria reflexão de Schwab sobre a experiência de Laura Bohannon, nos faz pensar no caráter social e consensual do reconhecimento de que um determinado texto seja literário ou não. Para os Tiv, o ato de contar e ouvir uma história tem funções sociais

completamente alheias à ideia dicotômica que existe na tradição ocidental, de um mundo ficcional e oposto ao mundo real. Desta maneira, apesar da reflexão de Schwab avançar em direção à questão do contato cultural, no qual criamos uma série de interações com o Outro através da literatura, os processos que possibilitaram a construção do conceito de literatura não são profundamente estudados.

Nessa linha de raciocínio, acredito que a reflexão sobre o caráter social da construção, do que chamamos literatura e até da própria realidade, pode ser um caminho importante para compreendermos melhor as ações de contato cultural e suas manifestações em diferentes atividades humanas, de uma maneira não dicotômica e nem reducionista. Para aprofundar essas questões, segue-se um diálogo com as perspectivas construtivistas de Stanley Fish e de Siegfried J. Schmidt.

Na visão de Stanley Fish<sup>8</sup>, teórico norte-americano do *reader response criticism*, os leitores criam os textos e não os interpretam; logo, o sentido atribuído a um texto é criado cognitivamente pelo leitor, pertencente momentaneamente a uma “comunidade interpretativa”. Desta maneira, leitores pertencentes a determinada “comunidade interpretativa” constroem textos semelhantes, de acordo com as concepções, valores, conceitos, compartilhados por sua comunidade. Ao mesmo tempo, leitores inseridos em “comunidades interpretativas” diferentes construirão outros textos.

A concepção de “comunidade interpretativa” e a ênfase dada à sua influência em processos cognitivos de leitores consistem num ponto de semelhança entre a teoria de Stanley Fish e os pressupostos teóricos da Ciência da Literatura Empírica<sup>9</sup>. Isso porque a Ciência da Literatura Empírica é produzida na perspectiva construtivista baseada em pressupostos epistemológicos e meta-teóricos que, através de conceitos como consenso, intersubjetividade e sistemas auto-poiéticos, explicam os processos de construção do conhecimento, de teorias e da própria realidade. Em outras palavras, é a internalização de determinadas formas de percepção que constrói a realidade e não o contrário. Entretanto, os processos de construção, produzidos por intersubjetividades e consensos momentâneos, não estão limitados à análise de atividades de criação e recepção de textos, como na visão de Stanley Fish, mas estendem-se a todos os campos da vida humana.

---

8. FISH, Stanley. Is there a text in this class? The authority of interpretive communities.

9. Para maiores detalhes sobre a definição de Ciência da Literatura Empírica leia o livro: OLINTO, Heindrun (org). Ciência da Literatura Empírica: Uma alternativa.

Neste sentido, a sociedade é entendida como um sistema de sistemas de ações sociais, como a política, a educação e a economia, organizado de forma autopoética, ou seja, os próprios elementos do sistema é que o constroem e o observam. A cultura de uma sociedade pode ser entendida como um modo específico de desenvolver, combinar e avaliar processos de produção de modelos de realidade, ou seja, culturas diferentes apresentam inúmeros modelos de realidade, valores, experiências e visões de mundo.

Em consequência, a literatura é concebida conforme um modelo de ação literária, e não a partir de textos literários. Ações literárias são realizadas somente quando alguém produz ações através de um texto, que é considerado literário, de acordo com as convicções poéticas. Os conjuntos de ações literárias referentes aos textos, considerados literários por aqueles que realizam tais ações, formam o que é chamado, nesta perspectiva teórica, de sistema literário. A partir desses princípios, Siegfried J. Schmidt<sup>10</sup>, um dos teóricos da Ciência da Literatura Empírica, propõe uma nova perspectiva para os estudos da literatura, na qual o texto literário não é considerado como uma entidade autônoma. O que é enfatizado, através de sua teoria, são as seguintes dimensões do sistema literário: produção, mediação, recepção e processamento de “textos literários”.

Segundo Schmidt, a diferenciação do atual sistema literário em relação aos demais sistemas é por exercer funções específicas estabelecidas por duas convenções, a convenção estética e a convenção de polivalência. A convenção de estética introduz a regra de ação, na qual os enunciados de textos considerados literários devem ser dirigidos por valores e normas estéticas, ao contrário das convenções vigentes em outros sistemas que determinam que os elementos linguísticos referenciais devem se referir a enunciados e ao modelo de realidade compartilhado por um grupo social. A convenção de polivalência introduz como norma, nos limites do sistema literário, o direito que os agentes têm de atribuir ao mesmo texto resultados recepcionais diferentes e satisfatórios. Sendo assim, os sistemas de literatura têm como função: na esfera cognitiva, criar o esboço de modelos alternativos de realidades, de experiências e de vivências; no aspecto normativo, tematizar publicamente conflitos normativos individuais e, no plano emocional, satisfazer as necessidades hedonistas.

10. SCHMIDT, Siegfried J. *Do texto ao sistema literário. Esboço para a ciência empírica da literatura*. In:      *Ciência da Literatura Empírica: Um alternativa.*

Podemos fazer uma busca dos pressupostos que estruturam as perspectivas teóricas, tratadas até o momento, através de uma reflexão sobre o debate teórico estabelecido entre a fenomenologia, no caso, tal como é usada por Gabriele Schwab através da influência de Iser e a teoria sistêmica desenvolvida por N. Luhmann<sup>11</sup>. Este debate corresponde a uma espécie de pano de fundo que aproxima a teoria da leitura como contato cultural e a ideia de sistema literário apresentada por S. Schmidt.

A teoria dos sistemas sociais de Luhmann, assim como a ciência da literatura empírica, é uma teoria sistêmica baseada no conceito de autopoíese, desenvolvido por Humberto Maturana, um neurobiólogo chileno. Essa teoria consiste num diálogo com concepções da ciência contemporânea para compreender os fenômenos sociais. Aqui, a sociedade moderna é vista como um complexo sistema de comunicação que tem diferenciado a si mesmo, numa rede de subsistemas sociais interconectados. Cada um desses sistemas reproduz a si mesmo, conforme as suas próprias observações, porém qualquer coisa que esteja sendo observada é marcada por sua única perspectiva, por seus processos de seletividade, formados por distinções particulares que usam para suas observações.

A teoria de Luhmann é contemporânea à chegada, na Alemanha dos anos 80, da teoria do caos, da noção de realidades construídas e da biologia da cognição, tendo sido, portanto, alimentada por essa linha de pensamento que recebeu a denominação de construtivismo radical, ainda que tal conjunto de reflexões não estivesse dominado por uma doutrina.

Niklas Luhmann usa o conceito de Humberto Maturana de *autopoíese* para caracterizar operações de sistemas auto-referenciais. De acordo com Maturana, tais sistemas se formam em redes, cujos componentes geram e realizam recursivamente, através de suas próprias interações, essa rede que os produz e os constitui. Os sistemas autopoéticos são incapazes de operar além de seus próprios limites, pois são fechados em relação ao seu ambiente. Entretanto, os elementos do sistema não podem criar um mundo material por eles próprios. Um fechamento operacional pede a exterioridade de outros níveis de realidade, que só pode ocorrer em condições ecológicas. O fechamento é redefinido como uma condição da abertura estrutural e vice-versa. Assim, a tradicional oposição entre sistema “fechado” e “aberto” é deslocada para a questão: “o fechamento auto-referencial pode criar abertura?”.

---

11. LUHMANN, Niklas. *Social Systems*.

Desta forma, os sistemas sociais que operam na base da consciência, no que Luhmann chama de sistema psíquico e da comunicação, são reproduzidos a partir da construção do sentido.

A concepção do social, como um sistema comunicacional de processamento de significados, proporciona uma revisão de concepções sociológicas e filosóficas em relação a temas tradicionais dos debates das ciências humanas e sociais como: o papel da linguagem, o status do sujeito, a possibilidade do conhecimento e outros. Nesta construção teórica, existe uma crítica à concepção fenomenológica de sujeito centrado, que é fundamental para a nossa tentativa de compreensão das diferenças entre a ideia da leitura como contato cultural e as perspectivas teóricas da Ciência da Literatura Empírica. Luhmann rejeita a crença de Husserl na existência de um sujeito centrado, incapaz de se harmonizar e interagir com a dimensão social. Isso porque a fenomenologia husserliana consiste no que Luhmann chama de uma teoria transcendental que dá destaque exclusivo à consciência.

Sendo assim, nessa teoria sistêmica não existe mais um sujeito privilegiado da cognição, e também não é possível que o princípio do fechamento auto-referencial seja atribuído ou reduzido à consciência. Isso porque, nessa visão, a consciência e o social são considerados dois sistemas autopoéticos separados. Cada qual desenha os seus limites sobre a base de suas próprias operações e condições de estabelecer conexões, demarcando o que é considerado um meio para o outro sistema.

A partir da contribuição das concepções construtivistas acima citadas, é possível reconhecer a ideia de Wolfgang Iser, que postula a transferência do texto para a consciência do leitor, como uma aplicação do conceito fenomenológico de correlato noemático. Desta maneira, existe em Iser toda uma preocupação de não “contaminar” o ato da leitura com questões psicológicas, históricas e culturais dos leitores. Ou seja, mesmo realizando movimentos de interação com o Outro no ato da leitura, esse sujeito não é visto como um ser que interage em experiências intersubjetivas no mundo social, assim, os processos cognitivos e sociais de construção da realidade não são levados em conta. É considerada apenas a experiência de uma consciência individual com textos, na qual é colocada em jogo sua própria bagagem psicológica, cultural e social.

Por outro lado, devemos reconhecer que a rica reflexão teórica de Schwab corresponde a todo um esforço de criar conceitos e teorias que consigam produzir instrumentos de compreensão e interação com a multipli-

cidade de discursos e ações que compõem as sociedades complexas do final do século XX e início de século XXI. Além disso, essa reflexão demonstra um movimento de auto-observação dos processos de construção do conhecimento, desencadeados pela teoria literária. Sendo assim, ao refletirmos sobre a questão da alteridade e suas interações, com o que podemos chamar de literatura, estamos criando questões para alimentar novos estudos em que a própria teoria da literatura se examina no reconhecimento da possível permanência de visões colonialistas, sexistas, racistas e outras posições que são alvo das críticas sobre as relações de poder nas sociedades.

Ao mesmo tempo, a grande contribuição das teorias de base construtivista é de nos chamar a atenção para o perigo da armadilha de reduzir toda a complexidade das realidades que vivemos em visões dicotômicas, na quais apenas cabe aos teóricos encontrar os vencedores e os vencidos, os colonizadores e os colonizados, os incluídos e os excluídos e outros pares desta natureza. Além disso, devemos destacar a radicalização do exame dos processos de construção do conhecimento que as teorias desempenham, ou seja, para teorias sistêmicas, tais como a Ciência da Literatura Empírica e a teoria dos sistemas sociais de Luhmann, a dimensão epistemológica é fundamental para a interação entre a ação do teórico e os inumeráveis processos de construção de realidades. O teórico não é mais um sujeito centrado que busca a verdade última de seus objetos de estudo, mas sim um elemento autoconsciente de uma rede de ações intersubjetivas que também têm sua interação com os demais sistemas, como os sistemas político, econômico, artístico e outros.

### 3. Referências

BERGER, PETER. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis, Vozes, 1985.

\_\_\_\_\_. Alternância e biografia, ou, Como adquirir um passado pré-fabricado. In: \_\_\_\_\_. *Perspectivas sociológicas*. Petrópolis: Vozes, 1983.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996, 2v

\_\_\_\_\_. *O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*, Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.

\_\_\_\_\_. *Teoria da recepção: reação a uma circunstância história*. In: ROCHA, João Cezar de Castro (Org) *Teorias da ficção: indagações obra de Wolfgang Iser*. Rio de Janeiro : Eduerj, 1999.

\_\_\_\_\_. *O fictício e o imaginário*. In: Rocha, João Cezar de Castro (Org) *Teoria da ficção: indagações obra de Wolfgang Iser*. Rio de Janeiro : Eduerj, 1999.

\_\_\_\_\_. *O jogo* . In: Rocha, João Cezar de Castro (Org) *Teorias da ficção: indagações obra de Wolfgang Iser*. Rio de Janeiro : Eduerj, 1999.

\_\_\_\_\_. *O que é antropologia literária* . In: Rocha, João Cezar de Castro (Org) *Teorias da ficção: indagações obra de Wolfgang Iser*. Rio de Janeiro : Eduerj, 1999.

OLINTO, Heidrun Krieger(org). *Ciência da literatura empírica: uma alternativa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989

\_\_\_\_\_.(org) *Histórias de literatura: as novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1996.

LIMA, Luiz Costa. *O controle do imaginário: razão e imaginação nos tempos modernos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

LUHMANN, N. *Social Systems*, Stanford Univ. Press, 1995.

MATURAMA, Humberto e VARELA, F. *Autopoiesis and Cognition. The Realization of the Living*, Dordrecht: Reidel, 1980.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 2ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SCHMIDT, Siegfried J. “Do texto ao sistema literário. Esboço de uma ciência da literatura empírica construtivista”, in: OLINTO, Heidrun Krieger

(org.) *Ciência da literatura empírica*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989, p. 74-98.

\_\_\_\_\_ “Sobre a escrita de histórias de literatura. Observações de um ponto de vista construtivista”. In: OLINTO, Heidrun Krieger. *Histórias de literatura*. São Paulo: Ática, 1996, p.101-132

SCHWAB, Gabriele. Se ao menos eu não tivesse de manifestar-me”: a estética da negatividade de Wolfgang Iser. In: ROCHA, João Cezar de Castro (Org). *Teoria da ficção: indagações à obra de Wolfgang Iser*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

\_\_\_\_\_ *The mirror and the Killer-Queen*. Otherness in literary language  
Bloomington: Indiana University Press, 1996.